

O SABER DO COTIDIANO DA PRÁTICA DOCENTE NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Tatiane Goudinho da Costa
Eduardo Garralaga Melgar Junior
Marcio Caetano

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Resumo: A importância da formação continuada dos profissionais da educação e pensar a escola como espaço de emancipação social, as relações de professores/as, estudantes e a comunidade com as ações da educação popular, são objetos deste trabalho. Para tanto, nos valem da observação participativa experimentadas durante o tempo de atuação profissional em uma escola de zona de periferia, com várias vulnerabilidades sociais, na cidade de Pelotas-RS e Rio Grande-RS. A partir desta experiência, acompanhando o desenvolvimento de estudantes e suas famílias foi possível vivenciar o despertar da criticidade das famílias frente aos seus direitos e deveres, estudantes mais interessados e envolvidos com a construção de seus conhecimentos na sala de aula, e os professores atuando com a realidade de acolher os saberes e as culturas dos alunos junto ao currículo oficial da escola.

Palavras-chave: Formação de Professores; Escola; Currículo; Educação Popular, Emancipação social.

“ensina os conteúdos de sua disciplina com rigor e com rigor cobra a produção dos educandos, mas não esconde a sua opção política na neutralidade impossível de seu quefazer” (FREIRE, 2016, p. 49).

A prática docente envolve inúmeras relações do cotidiano do professor, aluno, escola, comunidade local, regional, nacional e global, emerge das provocações que nascem das práticas sociais que exercemos, sendo um dos seus principais objetos de atuação docente, a releitura do papel social e cultural das ações que a prática docente possui em relação à concepção de sujeito, escola e sociedade.

O “que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? Lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele” (FREIRE, 2017, p. 109), nos instiga a refletir sobre a necessidade de uma educação que pense criticamente a nossa condição no mundo, que possibilite ao educando refletir sobre os papéis de opressão historicamente estabelecidos, que questione as práticas escolares que alimentam essas relações, que o educando possa olhar ao professor e dizer-lhe o quanto a escola auxiliou nesse processo de conscientização crítica do papel do homem no mundo.

Em nossas experiências docentes, fomos percebendo a importância do papel da escola nesse processo de conscientização, os alunos encontram nas ações pedagógicas um momento de colocar-se como protagonistas de sua história, historicamente negados no processo de opressão, com práticas pedagógicas que dialoguem com o cotidiano da comunidade escolar. O saber instruído na escola, legitimado historicamente pela humanidade como um saber necessário para a vida em sociedade, muitas vezes não dá conta de dialogar e nem de aproximar-se do cotidiano das comunidades.

O saber da escola deveria possibilitar ao educando refletir que a “presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere [...] é a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (2017, p. 53). É papel do professor é de auxiliar ao educando os sentidos que aquele saber trará ao seu cotidiano social e cultural, a necessidade de sabermos determinados conhecimentos, dando significação ao saber no cotidiano das relações sociais e culturais que são estabelecidas no dia a dia da comunidade.

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade. (FREIRE, 2016, p. 50).

Quando os professores conseguem estabelecer uma criticidade sobre a organização da sociedade a partir dos conhecimento ensinados, questionado o “poder” do saber na formação do sujeito, auxiliam ao educando refletir sobre a “condição natural” que historicamente marginalizam seus saberes e suas experiências, essa “conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 2006, p. 30).

Saviani chama atenção para o fato de que:

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem se organizar a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber é aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso também aprender a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever,

contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humanas). (2008, p. 15)

Observamos a partir da contribuição de Saviani (2008), que a própria constituição da escola coloca a margem o saber que nasce no cotidiano das práticas sociais, saberes de vivência e sobrevivência que historicamente as camadas populares construíram para sobreviver ao processo de opressão que o marginaliza, cultural, social e economicamente, que não são legitimados pela produção da academia científica.

As demandas do atual século impõem à escola a reflexão crítica do seu papel, somos diariamente instigados pelas demandas cotidianas, a trabalhar as “novas demandas” que se apresentam a escola, como é o caso da drogadição e violência urbana exacerbada. Essa diversificação viva do currículo, um organismo orgânico de demandas próprias, faz com que a escola reinvente seus espaços, seus saberes, suas relações. Nesse sentido, compreendemos que

[...] a forma pela qual a escola define as intencionalidades educacionais e busca realizá-las, tendo como objetivo formar os sujeitos que dela participam na condição de educandos. O currículo se constitui, desse modo, em elemento de mediação entre os sujeitos – professores e alunos – e entre estes e o conhecimento. (SILVA, 2012, p.14).

Corroborando com Silva (2012), ao reinventar seus espaços com ações educadoras de reflexão a escola acolhe a comunidade escolar que percebe a educação popular como uma ferramenta que reconhece suas práticas e experiências e sendo aberta ao diálogo e a construção da consciência crítica, essas pessoas acabam por eleger este espaço para legitimar também sua luta.

Geralmente nas comunidades mais empobrecidas as escolas tem sido eleitas para os encontros das famílias, não é fato incomum as reuniões que são organizadas com os responsáveis, se tornam momento de reivindicações de toda a espécie de dificuldades enfrentadas pelos alunos e seus familiares para estarem na escola, logo podemos citar alguns deles: desemprego, falta de estrutura das moradias, das ruas, do descaso do poder público e de problemas familiares, que influencia e muito no desempenho dos alunos, sendo assim não temos como nos furtar de refletir e pesquisar, como relacionar estes assuntos com as disciplinas oficiais, com conteúdo as vezes restritos a participação do aluno.

[...] encontram, na escola, estruturas culturais e políticas historicamente estabelecidas, criando uma trama institucional que interpela, filtra, transforma, ignora, escamoteia ou absorve, muitas vezes fragmentariamente, as mudanças pretendidas. (ZIBAS, 2002, p.72).

É preciso observar, conforme Zibas (2002), o professor diante disso acaba tendo suas limitações quanto a sua atuação docente para se envolver com tantas situações e emoções que fogem do seu círculo de poder de ação, assim a educação popular acaba por esbarrar mais uma vez naquilo que nos mostra a nossa formação profissional, formação essa que não mostra e encaminha para uma investigação e produção científica a partir do conhecimento popular. Conhecendo todas as problemáticas e fragilidades da comunidade escolar, é importante elencar como objeto de estudo para formação continuada da Escola as ações vivias do currículo que dialogam cotidianamente com as comunidades marginalizadas.

Diante disso se faz necessário que a escola esteja com sua equipe completa, Orientação Educacional, Coordenação Pedagógica, Direção e vice, Merendeiras, higienizadoras, Assistente Social e psicólogo escolar, que as comunidades possam contar sempre com os profissionais conscientes da função social da escola para dar suporte ao professor na sala de aula, com uma ação coletiva a favor da educação popular.

Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso Comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário (GADOTTI,2012,p.07).

Não podemos esquecer também da formação dos Professores na sua caminhada dentro da academia, onde ainda percebemos uma pequena abordagem na importância do professor aprender sobre se colocar no lugar do outro, em especial do seu educando e seu cotidiano, ou seja teoria sem prática social.

Os Conteúdos técnicos conhecidos, repassados através dos currículos apresenta-se como uma ferramenta de controle e leva os educandos a não refletir sua condição e estrutura social e acaba por reproduzir o conformismo. É bom ressaltar que não temos o objetivo de criticar ou colocar em dúvida a importância dos conteúdos para a formação e desenvolvimento intelectual dos educandos, ressaltamos a necessidade desta formação estar agregada a capacitação para o desenvolvimento e a prática social libertadora e igualitárias de todos e todas.

Nesse sentido, chegamos ao ponto da formação continuada da Equipe, e também um espaço de formação e diálogo constante com essas pessoas da Comunidade, que nos trazem e legitimam os saberes construídos em sala de aula.

Durante os encontros de formação continuada é importante a presença e participação de todos aqueles profissionais que fazem parte da escola, a Educação Popular traz consigo a

essência da educação comunitária e participativa, o Professor não está e nunca deve ser o único ponto de referência na relação do processo de ensino e aprendizagem do educando. Todos os envolvidos têm ação importante nesta construção, os profissionais que dividem os outros espaços da escola, como a secretária, refeitório, portaria, biblioteca e quem mais fazer parte dos múltiplos espaços educativos precisam dividir experiências, refletir sobre suas ações e contribuir no plano de educação da escola.

A comunidade escolar juntamente com a sociedade irá auxiliar na conscientização da importância da educação para a vida dos educandos.

“(…) Por mais fundamentais que sejam os conteúdos, a sua importância efetiva não reside apenas neles, mas na maneira como sejam apreendidos pelos educandos e incorporados à sua prática. (Freire, 1997, p.86)”.

No cotidiano da escola, fomos percebendo a importância do currículo voltado as demandas sociais, esse chamado aos responsáveis para que participem ativamente das reuniões pedagógicas, torna-se um espaço de encontro da comunidade escolar, em inúmeros casos o único espaço de encontro, onde aflora as emoções que falam sobre a situação da comunidade no bairro, as demandas sociais e políticas que fazem parte do cotidiano de cada aluno, “[...] a sala de aula deveria abarcar uma espécie de vida comunitária democrática, preocupada com a dignidade humana e com a inteligência científica que era pensada fora da escola.” (APPLE; TEITELBAUM, 2001, p.199).

Nas comunidades que atuamos com docentes, a violência urbana e a vulnerabilidade social tornou-se o currículo vivo da escola, muitas questões que acontecem no cotidiano das práticas sociais dos educandos no bairro onde a escola está inserida, repercute nas relações interpessoais entre os educandos e no entendimento que possuem em relação aos conteúdos trabalhados na escola, dar significação ao saber historicamente organizado pela humanidade, torna-se um desafio frente aos desafios do cotidiano escolar, que trazem para a pauta temas urgentes que estão imbricados diretamente na dignidade humana, a fome, a violência, a falta de moradia, de água, luz e saneamento.

Esse olhar atento, essa escuta sensível, é o saber do cotidiano da prática docente no processo de emancipação social, a formação docente inicial e continuada deve estar sensível a estas questões sociais, que marginalizam nossos educandos. A escola em inúmeras situações é o único ponto de resistência que as comunidades possuem, este ambiente institucional, deve ser o ponto de movimento para discussão de uma política de organização social que auxilie as comunidades escolares na superação de suas vulnerabilidades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPLE, M. W. Os Professores e o currículo: abordagens sociológicas. Lisboa: EDUCA, IAG Artes Gráficas Ltda, 1997.

FREIRE, Paulo .Política e Educação 3ed. São Paulo: Cortez,1997

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____, Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos. São Paulo: São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária*. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, M. R. Perspectivas Curriculares Contemporâneas. Curitiba: Ibpx, 2012.

ZIBAS, D. M. L. (Re)Significando a Reforma do Ensino Médio: o discurso oficial e os filtros institucionais. In: ZIBAS, D. M. L.; AGUIAR, M.; BUENO, M. O Ensino Médio e a Reforma da Educação Básica. Brasília: Plano Editora, 2002.